

CENAS DE YOKO E LENNON



Yoko Ono (em foto de David Bailey) fundiu arte pop e arte conceitual

Uma assinatura e seu espaço

Yoko Ono trabalha no espaço pós-modernista de prática permanente de criatividade como exercício de liberdade

Ono. Ono. Yoko. Yoko Ono Lennon. Uma assinatura. Uma assinatura em três tempos. Uma assinatura e o espaço interativo que se constrói em torno de seu traçado. Assim se pode começar a falar de Yoko, na perspectiva de uma análise de seu lugar na arte contemporânea. Arte? Será ainda do estreito lugar da arte que se fala quando se busca situar o espaço relacional criado pela assinatura Ono Yoko? Se falo em assinatura, e não em obra, é porque algo mudou neste lugar antigamente sagrado, arte. Se falo em Yoko, falo de um lugar que não é mais exatamente "arte", embora seja ainda o espaço da criação artística. Espaço pós-modernista de prática permanente de criatividade como exercício de liberdade, tal como o definiu Mário Pedrosa falando de Hélio Oiticica. Sobre tudo, espaço pós-duchampiano. Sobre tudo, espaço pós-warholiano (de Andy Warhol).

Ao longo do tempo, nos meandros da assinatura Yoko, cultura pop e lugar tradicional da arte fundiram-se a tal ponto que criaram um terreno outro, quase um entre-lugar, para usar a expressão desestrutivista reinterpretada no Brasil por Silviano Santiago

"Ao longo do tempo, nos meandros da assinatura Yoko, cultura pop e lugar tradicional da arte fundiram-se a tal ponto que criaram um terreno outro, quase um entre-lugar, para usar a expressão desestrutivista reinterpretada no Brasil por Silviano Santiago"

de vanguarda. Quando começou a namorar e colaborar com John, os fãs, que naquela época eram todos, sem exceção, fãs dos Beatles em conjunto ou de algum dentre os quatro, espalharam ódio contra o que acreditavam ser a infiltração perversa representada por aquela mulher.

Yoko foi repudiada pelo simples fato de ser mulher, numa época em que o rock anglo-americano era muito misógino, tipo clube do bolinha. Foi repudiada por ser artista de vanguarda e também por ser oriental. De maneira estereotipada, acreditaram mesmo que ela era feia, que ela era bruxa, que ela vinha para dividir, lançando ciúme entre os machos. Mais de uma

década depois, já carregando o trauma da morte de John, ao longo dos renormalizados e supercapitalistas anos 80, procedimentos e atitudes assumidas por Yoko, apesar de pós-vanguardistas, por trabalharem mais na pauta do estilo e da elegância que na agressividade e do choque, continuaram afetando o imaginário pop no sentido da singularização, no sentido

pessoal carne e sangue, contato olho no olho com a coterie de fãs, que constitui uma espécie de lobby estético-existencial internacionalizado. Se Madonna é simulacro puro, Yoko Ono é simulacro visceral.

Se Madonna faz ficção travesti, Yoko Ono faz autobiografia encenada. Madonna busca na eróticidade difusa e impessoal do ambiente pornopop uma espécie prêt-à-porter de sublime banalizado, ao passo que Yoko, nos anos 60, dessublima e deserotiza (vide o filme das bandas), para, nos 80, retomar as questões de duas décadas antes, buscando estilizá-las ao máximo (como na significativa exposição do Whitney Museum de Nova Iorque em 1988).

Se a assinatura Yoko leva para o pop valores da arte moderna da vanguarda enquanto sucessão de gestos teatrais de interferência singularizadora e heterogeneizadora, por outro lado consolidada, no lugar tradicional da arte, o que chamei acima de espaço pós-warholiano. Espaço de arte mesculado de pop. Arte no pop, pop na arte: a mão dupla de Yoko, seu entre-

lugar. Lugar da racha. Reflexão mescelada a diversão. Nesse sentido, o experimental de Yoko, seja na criação de sonoridades, seja nas proposições simultaneamente conceituais, plásticas e ambientais, apresentadas em exposições e museus, é sempre um experimental meio adocicado, um experimental que perde seu edge, seu lado fac-símila, para tangenciar o lúdico, o agradável, certa facilidade dialógica que dão a marca do pop por oposição à dureza hostil de um experimentalismo apenas vanguardista, apenas "arte".

Ao contrário de Madonna, por exemplo, que é puríssimo pop, Yoko Ono cada vez menos separa sua vida privada de suas intervenções criadoras (música, instalações, poesia e textos falados e escritos). Madonna teve uma filha, mas o simulacro da mãezone quase mãezone quem faz é Yoko. Eis então o quarto momento de sua assinatura: Sean Ono Lennon. Nos anos 90, boa parte das intervenções criadoras de Yoko têm sido feitas em conjunto ou em apoio às aparições de seu filho com John, Sean. Beautiful boy. Para Yoko, cada vez mais, sua melhor obra é seu filho e o ato criador é, cada vez mais, presentificação

mais transitivas, buscando abrir-se à participação direta dos espectadores em situações interativas. Dessa forma, o evento criador, participativo, se oferece em função catártica, ou seja, antes como auto-crítica individual que como crítica do social. Tem mais a ver com harmonia yin/yang oriental que com ceticismo irônico ocidental. Essa reencenação constante de si mesma que a pessoa Yoko projeta sobre a assinatura Yoko Ono Lennon reveste ambas de uma qualidade que me sugere um Oscar Wilde às avessas. Às avessas não porque Wilde fosse bicha e Ono seja mulher. Às avessas por

que, ainda em vida, e bem ao contrário de Wilde, Yoko conseguiu superar o ódio contra o heterogêneo que ela suscitou, vindo a terminar vitoriosa, no mínimo grácia

as inúmeras frases e aforismas de sua autoria que são bastante populares

e frequentemente citados no mundo a n g l o - s a x ã o (encontrei alguns links dé "Yoko quotes" na Internet).

Assim como

no caso de Wilde, o gosto dos fãs pelos aforismos de Yoko expressa o reconhecimento do seu esforço em fundir arte e vida, encarado como exercício de formas suíntas e contingenciais de sabedoria. Sabedoria, e não mais a "liberdade" abstrata e juvenil, como queriam as utopias dos 60. Yoko diria: refletir sobre o contingente traz a sabedoria que libera.

E você, leitor, leitora, assinaria em baixo?

ITALO MORICONI

Especial para o Jornal de Brasília

■ **Italo Moriconi** é professor de literatura da UERJ,

poeta e autor do livro Ana Cristina César, da coleção

Perfis do Rio